

POR UM OLHAR OBSERVADOR DO PROFESSOR REFLEXIVO

Me. Isabel dos Santos Waldrigues Branco¹
Esp. Pâmella da Silva de Souza Muniz²
Me. Rodrigo Gomes³
Prof. Dr. Valdir Lamim-Guedes⁴

RESUMO: Este artigo aborda a problemática da falta de uma postura crítica e reflexiva no ambiente educacional, onde muitas vezes o professor assume um papel técnico e autoritário, ao invés de promover um ensino que valorize a autonomia dos alunos. A necessidade de uma educação humanizadora, que vá além da mera transferência de conhecimento, é o foco central do estudo. O objetivo é contextualizar os principais conceitos abordados por Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, destacando a importância da reflexão crítica e deste olhar atento por parte dos educadores para melhorar a prática docente. A metodologia utilizada foi de uma pesquisa bibliográfica, que possibilitou redigir um ensaio teórico. Os principais resultados evidenciam que a observação, o diálogo e a reflexão crítica são instrumentos essenciais para uma prática educativa transformadora, capazes de promover a autonomia e o desenvolvimento integral dos educandos. Conclui-se que, para superar a visão técnica e autoritária na educação, o professor deve assumir um papel reflexivo, sensível e humanizador, favorecendo uma prática pedagógica crítica e emancipadora.

Palavras-chave: Paulo Freire; autonomia; professor reflexivo.

1 INTRODUÇÃO

“Sei que ignoro e sei que sei. [...] E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito a outros”.

(Paulo Freire, 2019, p. 92)

O presente trabalho aborda uma discussão acerca da obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, de Paulo Freire (2019), bem como busca compreender a importância de um perfil desafiador, observador, atento, que complementa o educador crítico e comprometido com a transformação social e um olhar além. São discutidos um conjunto de saberes necessários a todos aqueles empenhados a construir uma educação transformadora dentro e fora de sala de aula. Conforme Freire (2019, p. 23), “Estou convencido, porém, é legítimo acrescentar, da importância de uma reflexão como esta quando penso a formação docente e a prática educativo-crítico”.

Para Freire (2019), é muito importante uma formação de professores que seja de cunho crítico e reflexivo. Que o professor saiba o quão grande é sua função, sua responsabilidade em mediar conhecimentos, sendo um profissional que analisa criticamente suas ações e reflete sobre elas, retorna para o seu planejamento e replanejamento, em busca de respostas concretas sobre o processo de aprender-e-ensinar.

Para Freire (1996, p. 7), “A ação, a interação e a troca movem o processo de aprendizagem. Função do educador é interagir com seus educandos para coordenar a troca na busca do conhecimento”. Assim, essa troca de conhecimento deve ser valorizada pelo educador, sabendo que o educando chega na escola

1 Professora da Secretária Estadual de Educação de Santa Catarina (SED-SC). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages-SC. *E-mail:* isabelwbranco143@gmail.com.

2 Professora da Secretaria Municipal de Educação de Lages (SMEL-SC). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages-SC. *E-mail:* pampamprof2016@gmail.com.

3 Professor da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina (SED-SC). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages-SC. *E-mail:* rodrig.gms@gmail.com.

4 Professor da Faculdade Católica Paulista. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). *E-mail:* lamimguedes@gmail.com.

com muitos conhecimentos adquiridos em seu contexto social, de suas experiências e que são diferentes dos conhecimentos e vivências do educador. Nessa troca, o educador aprende com o educando. A autora destaca “o papel da observação cuidadosa e da reflexão crítica como instrumento fundamental para a elaboração de um ensino consciente e transformador”, e, por isso, podem dialogar com a “Pedagogia do Olhar”, conforme Freire (1996, p. 11).

Paulo Freire pontua muitos saberes necessários no livro “Pedagogia da Autonomia”, que incluem: rigorosidade metódica, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, entre outros. O conhecimento adquirido por meio da prática de ensino é uma experiência valiosa, mas, na visão de Freire (2019), esse conhecimento é considerado ingênuo porque não atingiu o rigor da educação crítica. É essencial que os educadores em treinamento entendam que o pensamento crítico não pode ser simplesmente copiado de guias pedagógicos, mas deve ser desenvolvido por meio da reflexão e do estudo.

A autocrítica é o primeiro passo para superar a ingenuidade e atingir o pensamento crítico. A arrogância impede o desenvolvimento crítico, porque indivíduos arrogantes acreditam que têm todo o conhecimento necessário e, sem saber, repetem erros. A reflexão crítica sobre a prática é vital para a melhoria contínua do ensino. O discurso teórico deve ser prático e próximo de situações da vida real para ajudar os professores a pensarem criticamente.

Tanto o autor, quanto a autora, propõem um olhar sobre o educando que vá além do que somos comumente ensinados a enxergar. Muitas vezes, somos levados a ver o que queremos, o que nos agrada, ou o que nos é imposto. Quando as ações do educador não condizem com suas palavras, os estudantes podem começar a questionar o que está sendo ensinado, percebendo o discurso bonito como uma tentativa de encobrir a prática, ao invés de promover a educação.

Assim, há que buscar um olhar sem preconceitos, sem alienação, um olhar atento para o educando como sujeito, que, da mesma forma, o educador tem histórias, tem limitações, as quais muitas vezes não são respeitadas pela sociedade ou pela escola. A autora aponta que “O mesmo acontece com nosso olhar estereotipado, parado, querendo ver só o que nos agrada, o que sabemos, também reproduzindo um olhar de monólogo” (Freire, 1996, p. 11). Para que isso seja possível, a autora recomenda que, para transformar a prática educativa, é preciso que o/a educador/a tenha uma postura investigativa e reflexiva. Para que não ocorra a cegueira do conhecimento, que segundo Morin (2000), é a falta de visão ampla dos fatos, que vemos algo que na verdade, parece ser de um jeito, mas não é.

A autora orienta que a observação é uma ação consciente, intencional e sistemática do educador sobre o que ocorre no ambiente educacional. Freire (1996, p. 11), comenta que “Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos”. A observação é uma habilidade essencial para o educador, porque vai muito além de ver, por envolver a concepção minuciosa das ações que ocorrem em sala de aula, variando em visíveis – como participação ativa, desempenho acadêmico e comportamento em sala – ou invisíveis – como sentimentos e emoções, interesses e motivações e dinâmicas sociais.

Os estudantes não se limitam em aprender apenas nos livros didáticos que os professores adotam na sala de aula, eles aprendem com colegas, funcionários da escola, pais de amigos e até mesmo na entrada e saída do colégio. Esse aprendizado se estende às brincadeiras e conversas durante os intervalos, no recreio, no campo de esportes e no pátio. Portanto, toda a comunidade escolar participa do processo de ensino.

Nesse contexto, ao longo da história, e especialmente no século XXI, está claro que os estudantes não

aprendem apenas na escola. Segundo Brandão (2020, p. 17), “Aprendemos se já não sabemos – que a escola não é o único lugar onde ela acontece, ou deveria acontecer”. Além de adquirirem conhecimentos com familiares e amigos, os educandos também aprendem em diversos outros contextos: nas ruas, praças, parques, supermercados, shoppings, pela televisão, em histórias em quadrinhos, desenhos animados, internet, jogos eletrônicos etc.

O educador deve ter um olhar observador e reflexivo sobre o que acontece no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula, com rigorosidade metódica e ética. Analisar, observar, refletir sobre a própria prática, fazer seus registros e avaliar suas práticas tendo uma atitude transformadora. O educador aprende com o educando, e é nessa troca que acontece uma aprendizagem significativa. Ambos ganham com essa experiência e, assim, contribuem para transformar e qualificar o processo de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento dos educandos. Freire (1996) sugere que, para observar de maneira eficaz o estudante, é necessário que o professor esteja presente de forma integral e vigilante aos comportamentos dos estudantes quanto às suas ações docentes.

A reflexão e a observação são fundamentais nesse processo, em que os educadores devem ficar atentos às necessidades dos educandos no contexto das realidades individuais e adaptando suas práticas para promover o diálogo e participação. Dessa forma, surgem os princípios da ética, o respeito à dignidade e o incentivo à autonomia dos estudantes, o que demanda uma significativa abertura para a diversidade de conhecimentos que eles trazem de suas vivências pessoais, tornando essas experiências o ponto inicial para a troca de saberes. Essa pedagogia requer um exercício constante.

Este artigo trata-se de um ensaio, que é um gênero textual que “sido definido como um estudo [...] bem desenvolvido, formal, discursivo e conclusivo, consistindo em exposição lógica rigorosa e reflexiva e argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento Pessoal” (Severino, 2000, p. 152). Assim, será realizada uma análise do livro “Pedagogia da Autonomia” de Freire (2019), além de outros autores que se dedicam à investigação sobre o professor reflexivo. O objetivo foi o de contextualizar conceitos abordados por Freire em sua obra, relacionados à realidade do professor e seu perfil desafiador. Além disso, busca-se apresentar de forma clara e acessível a todos os interessados em educação de modo que se sintam estimulados a ler a obra original para tirar as suas interpretações.

2 A OBRA

A obra “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” foi publicada em 1996, sendo uma das últimas obras de Paulo Freire antes de seu falecimento em 1997, aos 75 anos. A obra foi publicada pela editora Paz & Terra, e já passou por diversas edições, refletindo sua relevância contínua no campo educacional. Desde sua primeira edição, o livro tem sido amplamente utilizado em cursos de formação de professores e em debates sobre pedagogia crítica. A recepção do livro tem sido positiva, com educadores brasileiros e do exterior reconhecendo sua contribuição para uma prática pedagógica mais humanizada e inclusiva, apesar dos ataques de pessoas de extrema-direita.

Freire utiliza uma linguagem acessível e envolvente, buscando não apenas transmitir conhecimento, mas também provocar reflexão crítica nos leitores. Ele enfatiza que ensinar é um ato de amor e compromisso com a transformação social, desafiando tanto educadores quanto alunos a se engajarem ativamente no processo educativo. Assim, trata-se de uma obra fundamental, que propõe uma reavaliação das práticas educativas tradicionais, defendendo uma educação que promova a autonomia dos alunos por meio do respeito mútuo, da curiosidade epistemológica e da reflexão crítica.

2.1 Pensamento crítico e autonomia e o papel do professor

Em suas primeiras palavras, Freire (2019, p. 11) nos confirma que “[...] É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desenvolvimento de destrezas”. O processo de desenvolvimento humano é contínuo e envolve sempre novos elementos e questões. Segundo o autor, a humanidade é um processo contínuo, em que ela própria, assim como a história e a cultura, estão em constante evolução. Por meio de diversas formas de conhecimento, como ciência, arte, religião, inteligência, imaginação e sensibilidade, buscamos compreender quem somos e o mundo que nos rodeia.

Segundo Freire (2019, p. 18), “O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética”. Para o autor, ser professor implica em ser um sujeito pesquisador, que busque aprimorar sua rigorosidade metódica por meio da pesquisa, já que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (2019, p. 30). Além disso, faz-se necessário um elaborado preparo ético ao longo do processo.

Assim como Freire (2019, p. 13-14), cita:

Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores cuja obra discordamos ou cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de seus livros. Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela/o autor/a, e devo inclusive expor aos/as alunos/as as razões por que me oponho a ela, mas o que não posso, minha crítica, é mentira. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com a sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela ou esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente, nos dedicar. Capacidade aprender não permitir que o nosso mal-estar pessoal a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humildemente, mas perseverantemente nos dedicar.

Freire destaca a necessidade de os educadores incorporarem princípios éticos e respeito pelos outros, evitando preconceitos pessoais ao criticar ideias. O desafio de transmitir conhecimento e, ao mesmo tempo, promover o pensamento crítico é explorado, enfatizando a importância de ir além das posições dogmáticas e promover a tolerância a diversos pontos de vista (Venuto, 2022). Assim como Freire pontua: “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos e transformadores, a não ser assumindo a nossa condição de sujeitos éticos” (2019, p. 15).

Portanto, é fundamental que os estudantes compreendam as diferenças na interpretação dos fatos e tenham acesso a diversas explicações para formular suas próprias ideias. A educação persiste por toda a vida, sendo que o conhecimento nunca é perfeito, estando suscetível a reformulações. O sucesso do ensino é visto na capacidade dos educandos de interpretar, comunicar e utilizar o conhecimento em suas vidas. É importante que haja respeito e compromisso na análise e crítica de ideias e opiniões.

Por diversas razões, frequentemente nos deparamos com questões morais. Às vezes as pessoas mentem e fazem coisas ruins para proteger a moralidade, a tradição, a ideologia, o interesse de um grupo ou um interesse pessoal, seja ele certo ou errado. Mas Freire (2019) diz que violar a moralidade não é bom. Quando fala do chamado ontológico para ser mais, vê o grande poder de homens e mulheres que têm a liberdade de pensar e mudar suas vidas, cultura e história. Homens e mulheres não são apenas resultado da genética, da

cultura ou da classe social, mas são moldados por meio da educação, da liberdade e da democracia (Peres; Afonso; Peres, 2022).

Freire (2019) ressaltou a importância da educação para a liberdade, diversidade e moralidade, argumentando que professores críticos e progressistas, assim como conservadores, tinham a necessidade de adquirir conhecimentos relevantes para sua prática educativa. Ainda, Freire utilizou a metáfora da culinária e da navegação para explicar a importância da conexão entre teoria e prática no ensino. Tal reflexão é essencial para evitar ações violentas resultantes da separação entre teoria e prática. Os professores devem entender que a educação vai além da transmissão de conhecimentos.

2.2 Conhecimento e a práxis pedagógica

O autor enfatiza a importância tanto do docente quanto do discente, quando se trata de prática de ensinar-e-aprender, sendo que um contribui com o outro de forma mútua, uma vez que “não há docência sem discência” (Freire, 2019, p. 25). A consciência de que o professor também é um aprendiz, que ele aprende enquanto ensina, que não só podemos, mas devemos aprender com nossos estudantes. Essas são noções fundamentais para questionar as práticas autoritárias, que atrapalham as relações educativas, para criarmos um ambiente solidário, no qual todos aprendem mais, pois todos aprendem com todos.

Nesse aprendizado conjunto, Freire resalta o que chama de “pensar certo”, que tem a ver com a maneira correta, ética e moral que todas as pessoas precisam ter, que é “[...] uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas” (Freire, 2019, p. 29). Assim, nesta abordagem, o autor propõe que quando estamos totalmente certos acerca de determinadas afirmações, podemos não nos permitir a ouvir os demais, simplesmente pelo fato de pensarem diferente. Deste modo, podemos cair na ignorância extrema.

De acordo com o autor, “aprender [...] é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (Freire, 2019, p. 68). Dessa forma, Freire nos coloca que há a necessidade de tornar-se um sujeito aventureiro e curioso, responsável pela curiosidade, pois, para aprender algo, construir, reconstruir e mudar, é necessário estar aberto a ter consciência. “[...] É o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto” (Freire, 2019, p. 58), enquanto educador é essencial estar constantemente advertido com relação a este princípio.

Ao falar de ensinar, o autor coloca que: “[...] ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (Freire, 2019, p. 28). Isso nos mostra o pensamento contrário a uma educação bancária, em que Paulo Freire nos relata que não basta somente transferir ou receber conhecimentos, mas procurar caminhos para que o conhecimento seja produzido por meio do exercício da criticidade (Freire, 2022).

Na perspectiva pedagógica da autonomia, o professor deve estar aberto às dúvidas e curiosidades dos educandos, assim como atento às inibições e timidez que podem prejudicar a participação ativa dos estudantes. O ensino vai além da transferência de conhecimento e deve envolver os educandos na construção do saber. Pois, ao depositar conhecimento nos educandos, serão meros receptores passivos.

Portanto, o autor defende um processo de aprendizagem crítica, em que o educador desafia os educandos a problematizar as situações do seu contexto. Freire (2022, p. 80) afirma que: “Mais ainda, a narração se transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem enchidos pelo educador”. Para ele, essa ação é opressiva, pois os educandos não percebem a educação como uma prática de liberdade. É fundamental que as ações do

professor correspondam ao discurso sobre a construção do conhecimento, evitando contradições que possam afetar a eficácia e a autenticidade da aula.

Se na experiência da formação docente, que deve ser permanente, começa-se a aceitar que o formador é o sujeito e o estudante o objeto, e que o professor é o sujeito que ensina, enquanto o estudante é o objeto a ser formado, acaba-se reproduzindo essa relação sujeito-objeto ao formar futuros professores, o que cria um falso sujeito. Embora o professor conheça o conteúdo melhor que os educandos quando o curso começa, ele também reaprende ao reestudar e discutir o tema nas aulas, revisando e corrigindo os trabalhos dos estudantes, e incorporando os questionamentos e as novas referências trazidas por eles. É nesse contexto que ensinar não é transferir informação de modo unilateral, enchendo a cabeça dos estudantes de conteúdos, como se eles fossem vasilhas.

2.3 Amorosidade e diálogo

Quantos estudantes não se sentem frustrados diante de um professor incapaz de estabelecer uma relação de aprendizagem, impedindo o desenvolvimento dos diversos conhecimentos dos estudantes? A competência técnica, científica e o rigor, que o professor deve sempre manter, são frequentemente percebidos como incompatíveis com a amorosidade essencial à Pedagogia. Para Freire (2019, p. 47), “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção e construção”. Assim, o autor defende a busca por ferramentas que promovam a construção conjunta do conhecimento, no sentido de uma educação mais equitativa.

Segundo Freire (2022, p. 81), “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com outros”. O autor aborda que o educador deve incentivar os educandos a se tornarem sujeitos de sua própria educação, partindo do questionamento e instigando a base opressiva da sociedade.

Ainda para Freire (2019, p. 15): “É neste sentido, que por exemplo, que me aproximo, de novo, da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica”. O autor sempre reconheceu a importância do educador crítico e reflexivo, que não apenas cumpre as regras, mas reflete sobre a prática para melhorá-la e torná-la possível para a transformação da realidade. Pois ele acreditava que a práxis pedagógica deveria ser analisada e observada à luz da realidade dos educandos.

A aprendizagem crítica requer que os estudantes compreendam que o conhecimento e as reflexões de um professor não podem ser facilmente transmitidas para eles. Os educandos devem participar ativamente do processo de criar e recriar conhecimento junto com o professor. Um ensino mecânico que se limita a memorizar e repetir palavras, não forma pensadores críticos. É importante incentivar os estudantes a questionarem e conectarem informações para encontrar soluções. Paulo Freire (2019) se opõe aos métodos que favorecem apenas a leitura passiva, pois, apesar de longas horas de estudo, não promove a reflexão nem o enfrentamento de desafios. Já que, há uma desconexão entre o que é dito e o que é realmente praticado.

Devemos ter consciência de que “[...] somos seres condicionados, mas não determinados” (Freire, 2019, p. 20). Como sujeitos, podemos estar em uma situação condicionada, porém nunca fixa ou definitiva. Freire concorda que é preciso que: “[...] o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia” (Freire, 2019, p. 27). De tal forma que, pensando criticamente acerca das coisas, não se deixe manipular facilmente pelas ideologias dominantes.

2.4 Uma leitura de mundo

As disciplinas que os alunos aprendem em sala de aula não podem ser separadas da vida cotidiana. Para que as disciplinas possam se alinhar com as necessidades e desejos dos alunos, o instrutor deve estar familiarizado com a situação dos alunos, ou seja, a leitura de mundo deles. Portanto, os eventos do dia a dia dos estudantes devem ser refletidos na escola.

Os conhecimentos dos educandos devem estar relacionados às disciplinas. É por isso que, quando um professor democrático planeja uma aula para uma classe de alunos das classes populares, é fundamental abordar os assuntos da vida real dos alunos para discutir o assunto e aproximar a disciplina de suas realidades. Neste contexto, é importante destacar que as ideias de Freire permanecem relevantes na abordagem dos desafios educacionais do século XXI, pois se alinham com a pedagogia decolonial e buscam promover a emancipação do aluno (Baião; Barreiros; Fernandes, 2021; Conceição; Schneider; Soeira, 2019).

O que nos fala Freire, ao entrar em uma sala de aula, é que o educador deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, e às suas inquietações, com vistas a construir um olhar crítico, inquiridor e inquieto.

Freire (2019, p. 31) comenta que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela-saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Para ele é importante considerar os conhecimentos prévios dos educandos, pois a educação não pode ser descontextualizada da realidade dos alunos, pois todos tem uma vivência no mundo. O educador deve ficar atento, sempre ter um olhar observador capaz de identificar as dificuldades e potencialidades dos educandos com um ensino que contribua para que eles se tornem sujeitos emancipados, isso é possível partindo da práxis do educador, conforme Freire (2022, p. 93), “É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Para ele, a prática educativa não é estática. O educador deve estar aberto para aprender e refletir sobre suas ações, analisando e reavaliando suas estratégias em busca constante de melhorá-las, tendo um olhar crítico sobre suas próprias ações, e isso é o diferencial de um educador que se compromete com a transformação.

Outro ponto de relevância diz respeito aos três focos que Freire (1996) pontua:

- O foco da aprendizagem individual e ou coletiva;
- O foco da dinâmica na construção do encontro;
- O foco da coordenação em relação ao seu desempenho na construção da aula.

Esse tipo de observação precisa de paciência e flexibilidade, pois é por meio dela que o educador conseguirá adquirir nuances fundamentais da dinâmica de ensino-aprendizagem, além de compreender as demandas, potencialidades e dificuldades dos estudantes.

2.5 Autoridade docente democrática

No terceiro capítulo de *Pedagogia da Autonomia*, “Ensinar é uma especificidade humana”, o autor aborda a autoridade docente democrática que vem acompanhada de uma qualidade essencial, que para o autor, deve revelar em suas relações com as liberdades dos educandos, a segurança em si mesma. “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (Freire, 2019, p. 92). O papel da autoridade é deixar claro que o essencial no aprendizado é a construção da liberdade que se assume, reconhecendo a própria autonomia, fundamentada na responsabilidade que gradualmente se conquista. Ao falar de autoridade docente, Freire traz que autoridade é diferente de autoritarismo, e que a primeira é essencial nas relações de ensino. Sendo a segunda, uma forma de opressão.

Paulo Freire destaca a importância da solidariedade como princípio ético na prática pedagógica e alerta contra a desumanização nas ações educativas. Ele critica a ideia de que o conhecimento e o mundo estão prontos e imutáveis, colocando a responsabilidade no estudante de apenas se adaptar e decorar conteúdo sem questionar. Esse discurso, presente em todos os níveis da escola, trata a educação como uma mercadoria e os educandos como clientes a serem treinados para o mercado de trabalho, ignorando valores como solidariedade, colaboração, ética e autonomia. Nesse contexto, *A Pedagogia da Autonomia*, proposta por Freire, destaca a necessidade de uma educação mais ampla e humana, que valorize a criatividade, a experimentação e a autonomia dos estudantes, em oposição ao treinamento para o mercado de trabalho e a desumanização (Freire, 2019).

As novas ideias e métodos devem ser avaliados individualmente, não simplesmente por serem novos. A escola deve refletir sobre essas questões, estimular o conhecimento acumulado e desconstruir as violências presentes na sociedade. A discriminação é uma tradição antipedagógica enraizada nas escolas que precisa ser combatida. Freire (2019) nos alerta para um bom relacionamento entre educador e educando, um espaço em que ambos se respeitem e permita uma aprendizagem a favor da pergunta, dúvidas, inquietações, saberes dos educandos, uma aprendizagem crítica, a qual o estudante faça parte deste processo. Sendo assim, a autoridade da figura do professor será reconhecida de maneira genuína, solidária e respeitosa.

Para os professores atuantes, Freire (2019, p. 40), defende que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”, ressaltando a importância de revisitar nosso planejamento, desfazer, refazer enquanto docentes, às práticas pedagógicas as quais aplicamos diariamente, onde cada estudante possui suas especificidades e cada escola encontra-se em uma realidade social diferente.

É possível visualizar essas especificidades individuais somente se o educador tiver um olhar observador, em que Freire corrobora com Madalena Freire (1996, p. 10) quando diz: “Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível”. A autora enfatiza que o educador deve estar atento aos sinais dos educandos, a partir de um olhar crítico e sensível. Por vezes, os educadores tendem a partir de sua própria perspectiva, ou do seu próprio olhar, enxergando só o que lhe agrada, pois não percebem a realidade de seus educandos. Para Freire (1996, p. 14), “Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la para ser iluminada por ela”. Assim, ser um observador sensível exige a capacidade de perceber além das aparências, visualizar o que os educandos expressam por meio de gestos, falas e até mesmo pelo silêncio. Para isso, a reflexão precisa ser contínua e contextualizada às necessidades individuais.

Segundo Freire (1996, p. 37), “Educador algum é sujeito de sua prática se não tem apropriado a

sua reflexão, o seu pensamento”. A reflexão crítica surge como consequência do ato de observar e registrar, portanto o educador deve constantemente refletir sobre suas ações, pois estas impactam o processo de ensino-aprendizagem, sendo importante reinventar formas de melhorar suas práticas. Segundo a autora, “[...] é necessário conversar, dialogar com ela para que busquemos saídas, caminhos de enfrentamento no processo do conhecimento, junto com o outro” (1996, p. 36).

Assim, ela propõe uma reflexão dialógica, que mantenha diálogo com os outros educadores, estudantes e a comunidade, pois a ação reflexiva é um processo coletivo de construção de saberes e transformação. A reflexão, por não ser um processo isolado, possibilita que os educadores indaguem suas práticas e tomem decisões mais conscientes de forma colaborativa. Freire (1996, p. 37) ainda sugere que, “Com o exercício disciplinado da reflexão, e instrumentalizado pelo educador, alcança-se uma fluidez desta ação generalizadora, teorizante”. Dessa forma, o educador torna-se consciente e eficaz em sala de aula, desenvolvendo-se continuamente como pesquisador de sua própria prática e agente de transformação.

Os autores concordam que ensinar exige amorosidade. Conforme Freire (1996, p. 21), “Educador ensina o sensível olhar - pensante. Olhar sensível, e que é, portanto, afetivo”. Os autores despertam o conceito de afetividade no processo de ensinar-aprender. Para a autora, os educadores devem ser alguém que não apenas cumpra seu papel de professor crítico-reflexivo, mas que também se envolve afetivamente no processo de ensinar – aprender. Segundo os autores, o ato de ensinar é também um ato de amor, que exige dos educadores um compromisso com o desenvolvimento dos educandos.

2.6 Registro e Reflexão

Além do olhar, os autores Madalena Freire e Paulo Freire também concordam que é importante o registro e a reflexão. Conforme Madalena Freire (1996, p. 37), “Na concepção democrática de educação, onde o ato de refletir (apropriação do pensamento) é expressão original de cada sujeito, está implícito que não existe um modelo de reflexão. Cada educador tem uma marca, o seu modo de registrar seu pensamento”. Os autores acreditam que a reflexão constante sobre a ação pedagógica é importante para a transformação social, pois permite ao educador não só a qualificar-se, também engajar os educandos numa formação crítica.

Um ponto importante para Madalena Freire (1996, p. 39) é o registro: “Mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo. Há muitos tipos de registros, em linguagem verbais e não verbais, todas, quando socializadas, historicam a existência social do indivíduo”. A autora dispõe sobre a importância de registrar as ações pedagógicas, ou seja, as atividades dos estudantes, pois é a maneira de registrar as observações de forma organizada e segura, sendo a ação de registrar um ato pedagógico que auxilia o educador entender melhor o processo de ensinar-aprender, mas não é o suficiente só observar é necessário registrar, refletir e criar intervenções pedagógicas mais efetivas. A autora defende que:

Mediados por nossos registros armazenamos informações da realidade, do objeto em estudo, para poder refletir, pensá-lo, e assim apreendê-lo: transformá-lo: contribuindo o conhecimento. Apropriando-se do que faz e pensa, o educador, sujeito pensante, começa a praticar a autoria de sua reflexão, pensante, começa a praticar a autoria de sua reflexão, assumindo -instrumentalizado pelo educador- a construção do seu processo (Freire, 1996, p. 39).

O registro é apresentado como um instrumento fundamental para sistematizar a ação pedagógica. Madalena Freire (1996) propõe que os educadores registrem suas observações de maneira corriqueira e organizada, transformando o que foi observado em material de análise e de estudo. Os registros podem ser realizados de diferentes maneiras: anotações, diários de bordo, fotos, vídeos, entre outros, pois o ato de registrar é visto como um processo de documentar, não somente o que acontece na sala de aula, mas também para verificar situações de intervenções. Assim, tornam-se fontes para o processo reflexivo, no qual o educador poderá analisar suas próprias práticas e produzir uma compreensão profunda do seu papel e do ensinar-aprender dos educandos.

Para Madalena Freire (1996, p. 44), “E é nessa tarefa de reflexão que o educador formaliza, dá forma, comunica o que praticou, para assim pensar, refletir, rever o que sabe e o que ainda não conhece; o que necessita aprender, aprofundar em seu estudo teórico”. Portanto, a escrita deve estar em diálogo com a reflexão. A prática educativa não pode ser separada da teoria; o educador observa, reflete, registra e, com isso, age. Assim, começa uma nova ação, observa novamente e inicia um ciclo contínuo de aperfeiçoamento, pois o educador está sempre em formação. Segundo Paulo Freire (2019, p. 25), “[...] minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo relativo”. O educador, como um ser inacabado, está sempre em busca de formação. Não há um momento em que o aprendizado do educador esteja completo ou concluído; é uma formação permanente, sempre aprendendo a partir de suas observações e reflexões sobre sua ação pedagógica. Assim, nos diz Freire (2019):

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo.

De acordo com Paulo Freire (2019), o inacabamento do ser humano pode ser o ponto de partida para a compreensão da educação. Esse caráter inconcluso é inerente à nossa existência; não somos seres perfeitos ou definitivos. A humanidade, assim como os conhecimentos que produz, é dinâmica, imperfeita e limitada, sempre em desenvolvimento. Onde há vida, há transformação, e nada que é vivo está cristalizado. O que distingue os seres humanos das outras formas de vida é a consciência desse inacabamento, algo que, segundo Paulo Freire, é fundamental para promover o crescimento e o aprendizado.

O autor também defende que a educação deve reconhecer esse inacabamento e assumir o papel de superar as limitações impostas pela realidade, que está em constante transformação. Embora as condições concretas imponham limites, elas não determinam a prática educativa. Pelo contrário, o papel da educação é desafiar e transcender essas limitações, promovendo uma transformação contínua e realista da prática educativa (2019).

Ambos os autores concordam que a mudança na educação acontece quando os educadores se tornam agentes críticos, reflexivos, afetivos e engajados no desenvolvimento dos estudantes.

2.7 Educação horizontal

Os autores também concordam sobre a importância da troca de saberes, promovendo uma educação horizontal que ocorre nas relações humanas e no ambiente escolar. Defendem que a educação deve ser um processo humanizador, fundamentado em confiança, afeto e solidariedade. O ato de observar e refletir também envolve a percepção dos sentimentos e emoções dos educandos, criando um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem.

Por isso, é essencial que os educadores pratiquem uma escuta atenta e sensível, estando abertos às particularidades dos sujeitos presentes na escola e nos grupos. A experiência de cada estudante é única e histórica, devendo ser respeitada e acolhida, valorizando-o como um ser singular dentro da sociedade. Em momentos desafiadores, quando é necessário tomar decisões para evitar que formalismos comprometam o aprendizado, o bom senso torna-se uma ferramenta valiosa para o professor (Ioras; Cunha, 2022).

Paulo Freire destaca a importância de defender a educação na prática docente, apontando as ameaças e a desvalorização enfrentadas na profissão. Ele ressalta que o descaso do poder público desmotiva os professores, gerando desânimo e até mesmo desistência. De acordo com Conceição, Schneider e Soeira (2019), para Freire, a luta pela dignidade profissional é essencial, tanto para a qualidade da prática pedagógica quanto para o respeito aos educandos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o professor deve possuir a habilidade de enxergar a realidade de seus educandos, por meio do diálogo e da humildade, reconhecendo e respeitando o conhecimento que o outro traz consigo. Com esse compromisso, sua ação pedagógica ganha significado ao transformar e empoderar seus estudantes para que se tornem sujeitos de suas próprias ações e transformadores de suas realidades. Assim, o educador atua como um agente de emancipação.

Como apontado por Lima (2003, p. 3), “[...] o livro da Pedagogia da Autonomia bem poderia ter sido intitulado Pedagogia da decisão, versando sobre os saberes necessários à prática da educação como deliberação individual e coletiva [...]”. A consciência crítica busca compreender a relação entre o conhecimento e a realidade, enfatizando que tanto a cultura quanto a história são construções humanas em constante transformação. Paulo Freire destaca a importância de conectar os conhecimentos escolares à realidade, ressaltando que o que sabemos influencia o mundo e vice-versa. Essa interação se dá por meio do diálogo, em que se ensina e se aprende simultaneamente.

Ser educador exige muitos saberes, como Freire defende no seu livro Pedagogia da Autonomia, pois é necessário buscar possibilidades de transformações nas vidas de seus/suas educandos, na escola e na comunidade. O professor não deve ser neutro; mas sim, assumir uma posição em favor dos oprimidos, tomando decisões conscientes e com autonomia. Esse processo visa à formação de cidadãos emancipados, capazes de participar de processos libertadores.

Enquanto docentes, trabalhamos com bebês, crianças, jovens e adultos. “Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca” (Freire, 2019, p. 141). São pessoas que, movidas pela curiosidade, são capazes de grandes realizações.

REFERÊNCIAS

BAIÃO, Jonê Carla; BARREIROS, Claudia Hernandez; FERNANDES, Andrea da Paixão. Por que Paulo Freire ainda hoje? O que dizem mestrandas e mestrandos na Disciplina: “Educação e Transformação em Paulo Freire”. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 14, n. esp., p. 95-120, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

CONCEIÇÃO, Sheilla Silva; SCHNEIDER, Henrique; SOEIRA, Elaine dos Reis. Pedagogia Freiriana: o currículo e a prática pedagógica no processo de aprendizagem. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 204-229, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/39541>. Acesso em: 12 set. 2024.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

IORAS, Anna Carolina; CUNHA, Thiago Colmenero. Afeto na educação: transgredindo o lugar de professor/a. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 25, n. 1, p. 1-18, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17192/209209216292>. Acesso em: 12 set. 2024.

LIMA, Licínio C. Crítica da educação indecisa: A Propósito da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 3, dez. 2011. Edição especial de aniversário de Paulo Freire. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/7596>. Acesso em 11 mai. 2023.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2000.

PERES, Sonia Maria Zanezi; AFONSO, Lucia Helena Rincón; PERES, Gleison Peralta. Liberdade e democracia: construção da emancipação humana em Paulo Freire. **Dialogia**, São Paulo, n. 42, e22376, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.22376>. Acesso em: 05 dez. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez editora, 2000.

VENUTO, Michelle de Paula Machado. Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia e Ética. **Revista Bibliomar**, São Luís, MA, v. 21, n. 1, p. 145–151, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/19291>. Acesso em: 22 out. 2024.